

Literatura e representações da pobreza

Dionei Mathias*

Resumo: O presente artigo tem como objetivo discutir o conceito de pobreza como instrumento de análise para os estudos literários. Na primeira parte, empreende uma discussão teórica interdisciplinar, em que o conceito de pobreza é compreendido como fenômeno multidimensional, a ser diferenciado com base em posicionamentos interseccionais e identitários. O conceito se revela especialmente profícuo para os estudos literários, na medida em que revela algo sobre práticas simbólicas e produção de sentido. Para ilustrar seus potenciais, o artigo analisa o romance *Jacob beschließt zu lieben* de Catalin Dorian Florescu (2011), problematizando as estratégias de administração de sentido, no marco da pobreza.

Palavras-chave: Pobreza. Estudos literários. Catalin Dorian Florescu. *Jacob beschließt zu lieben*.

Abstract: This article aims to discuss the concept of poverty as an instrument of analysis for literary studies. In the first part, it undertakes an interdisciplinary theoretical discussion, in which the concept of poverty is understood as a multidimensional phenomenon, to be differentiated based on intersectional and identity positions. The concept proves to be especially fruitful for literary studies, as it reveals something about symbolic practices and the production of meaning. To illustrate its potential, the article analyzes Catalin Dorian Florescu's novel *Jacob beschließt zu lieben* (2011), problematizing the strategies of meaning management, in the context of poverty.

Keywords: Poverty. Literary Studies. Catalin Dorian Florescu. *Jacob beschließt zu lieben*.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo discutir el concepto de pobreza como herramienta analítica para los estudios literarios. En la primera parte, emprende una discusión teórica interdisciplinaria, en la que se entiende el concepto de pobreza como un fenómeno multidimensional, a diferenciar a partir de posiciones interseccionales e identitarias. El concepto resulta especialmente fructífero para los estudios literarios, ya que revela algo sobre las prácticas simbólicas y la producción de significado. Para ilustrar su potencial, el artículo analiza la novela *Jacob beschließt zu lieben* de Catalin Dorian Florescu (2011), problematizando las estrategias de gestión del sentido, en el contexto de la pobreza.

Palabras clave: Pobreza. Estudios literarios. Catalin Dorian Florescu. *Jacob beschließt zu lieben*.

* Doutor em Letras pela Universität Hamburg e professor do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). <http://orcid.org/0000-0001-8415-1460> / E-mail: dioneimathias@gmail.com



Introdução

Em diferentes períodos da história da literatura, a representação da pobreza teve um lugar de destaque nos movimentos de idealização ficcional. Em seu desejo de dialogar com a realidade que a produz, a literatura empreende o esforço de processar a complexidade do mundo, traduzindo-a em malhas simbólicas que podem servir de ponto de partida para refletir sobre o espaço da vida. *Germinal*, de Émile Zola, *Berlin Alexanderplatz*, de Alfred Döblin, *As vinhas da ira*, de John Steinbeck, ou *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, são exemplos de textos produzidos em diferentes literaturas nacionais que retratam dimensões da pobreza e seus impactos sobre a concretização existencial. De uma ou de outra forma, a pobreza sempre reaparece nas malhas ficcionais, problematizando esse vetor da realidade.

Os estudos literários não permaneceram indiferentes a essa questão. Tendo como foco a literatura brasileira, a coletânea organizada por Roberto Schwarz (1983), por exemplo, estabelece crivos de análise que desbravam questionamentos e suscitam sensibilidades para esse fenômeno. Escritos por grandes nomes dos estudos literários brasileiros, os diferentes capítulos que compõem a coletânea ilustram como o fenômeno da pobreza perpassa a representação ficcional de diferentes épocas, treinando o olhar do leitor para esse eixo da produção de sentidos. Quase quarenta anos após sua publicação, o questionamento continua relevante e inspirando novos estudos, não só voltados para a literatura brasileira, mas também aqueles dedicados às literaturas estrangeiras.

Este artigo se insere nesse esforço, com foco nas literaturas de fluxos migratórios, buscando num primeiro momento problematizar o conceito de pobreza e ilustrar sua proficuidade para os estudos literários, por meio do romance *Jacob beschließt zu lieben*, de Catalin Dorian Florescu (2011). Florescu é um escritor suíço, de origem romena, que escreve em língua alemã. Condecorado com o Prêmio Suíço do Livro de 2011, o romance *Jacob beschließt zu lieben* ('Jacob decide amar') encena o fluxo migratório de falantes de dialetos alemães da região da Lorena em direção à região do Banato na Romênia. O romance retrata um longo percurso histórico, começando com a Guerra dos Trinta Anos

até o período após a Segunda Guerra Mundial. Um elemento que une os diferentes momentos da configuração temporal é justamente a experiência de pobreza. O artigo inicia com uma discussão teórica e na sequência analisa dois aspectos: 1. a pobreza como experiência multidimensional atrelada à administração de sentidos e 2. a pobreza entre interseccionalidade e práticas culturais.

1 Reflexões sobre o conceito de pobreza: diálogos interdisciplinares

Sem ambição de exaurir todos os matizes inerentes ao complexo fenômeno da pobreza, este artigo deseja muito mais empreender um diálogo com outras disciplinas, a fim de identificar alguns aspectos que podem ser profícuos para a análise de textos literários. Nesse horizonte, especialmente as dimensões culturais se revelam interessantes, na medida em que ilustram como personagens se posicionam diante da pobreza e transformam essas práticas em malhas simbólicas. Isso não exclui a identificação do escopo de recursos, já que este vai definir as modalidades de concretização existencial, encenadas na realidade diegética. Interessa, portanto, identificar fontes e formas de administrar os sentidos com as quais personagens são confrontadas e que também colocam em circulação a partir de seu lugar de fala, nas coordenadas da realidade ficcional.

Num dos estudos mais relevantes sobre a pobreza, Narayan (2000) atribui um lugar de destaque ao lugar de fala (RIBEIRO, 2017), quando teoriza o conceito a partir das experiências de atores sociais que se encontram nessa situação. Para Narayan, “as evidências sugerem que a pobreza é um fenômeno social multidimensional. As definições de pobreza e suas causas variam de acordo com gênero, idade, cultura e outros contextos sociais e econômicos.” (NARAYAN, 2000, p. 32, tradução nossa)¹. O caráter multidimensional é identificado a partir de aspectos materiais, efeitos psicológicos e a

¹“The evidence suggests that poverty is a multidimensional social phenomenon. Definitions of poverty and its causes vary by gender, age, culture, and other social and economic contexts.”

ausência de voz e poder. Um outro elemento importante que ajuda a diferenciar a complexidade do fenômeno da pobreza é a interseccionalidade.

Os aspectos materiais definem, antes de mais nada, se necessidades básicas podem ser supridas (NARAYAN, 2000, p. 35). Isso impacta na manutenção da vida, mas também reverbera sobre a energia física disponível para investir na obtenção de outros recursos (econômicos, sociais ou culturais). Num segundo momento, os aspectos materiais obviamente também definem como os recursos disponíveis podem ser transformados em outras malhas simbólicas, nas suas mais diversas formações. O posicionamento material traça os limites de participação, prescrevendo, em grande medida, de que práticas de sentidos indivíduos podem ou não participar. Nesse sentido, é menos importante identificar a quantidade de recursos materiais, mas sim como eles permitem ou impedem a participação de práticas simbólicas existentes no espaço em que personagens circulam.

Os efeitos psicológicos remetem à economia afetiva (NARAYAN, 2000). O lugar de fala não revela somente as modalidades discursivas impostas a atores sociais, ele impacta igualmente no modo como a afetividade é canalizada no processo de apropriação de realidade. A preocupação com a subsistência exaure a energia individual e define, ao mesmo tempo, as malhas de sentidos que permanecem no centro da atenção pessoal. Com a energia psíquica sequestrada pela preocupação com a manutenção básica da existência, raramente haverá recursos afetivos para investir em outras modalidades de produção e apropriação de sentido. Ao lado da escassez material, o sequestro afetivo limita o escopo de participação das tessituras simbólicas que atravessam um espaço da vida.

O terceiro vetor identificado por Narayan (2000) é a dimensão de voz e poder. Os dois elementos que compõem o vetor remetem ao princípio de agência. Isto é, trata-se do modo como indivíduos podem participar ativamente na construção, manutenção e revisão das malhas simbólicas que definem como um espaço da vida é gerido, por meio da atribuição de direitos e responsabilidades aos membros que o ocupam. Na experiência de muitos daqueles atribulados pela experiência da pobreza, isso implica silêncio e impotência, especialmente no que diz respeito às macronarrativas que definem os modos de participação. Isso, contudo, não significa a ausência completa de

voz e poder, especialmente nas coordenadas de sua circulação. Nessa esteira, é interessante discutir como vozes buscam se articular e que estratégias são utilizadas para mantê-las em silêncio. O uso da norma culta da língua talvez seja um exemplo clássico que ilustre isso, especialmente em práticas discursivas, incluindo a literária.

Nos estudos literários, estudar a multidimensionalidade do fenômeno da pobreza se revela especialmente profícuo ao focar nas dinâmicas de sentido que emergem desse contexto sociocultural. Ao lado dos três vetores identificados por Narayan, que revelam que pobreza não significa somente escassez de recursos econômicos, há ainda o conceito da interseccionalidade, já bastante conhecido na análise literária. Narayan não usa esse termo, mas o que descreve remete a isso. Em sua discussão, Crespo e Gurovitz escrevem:

A relação entre renda e capacidade é demasiadamente afetada pela idade da pessoa (necessidades específicas dos idosos e muito jovens), pelos papéis sexuais e sociais (por exemplo, as responsabilidades da maternidade e também as obrigações familiares determinadas culturalmente), pela localização (por exemplo, propensão a inundações ou secas, ou insegurança e violência em alguns bairros pobres e muito populosos), pelas condições epidemiológicas (por exemplo, doenças endêmicas em uma região) e por outras variações sobre as quais uma pessoa pode não ter controle ou ter um controle apenas limitado. (CRESPO; GUROVITZ, 2002, p. 6).

Esse segundo momento de definição do conceito revela que o fenômeno da pobreza não é igual para todos os membros de uma comunidade. Com efeito, os impactos são diversos de acordo com o posicionamento nas coordenadas interseccionais. Esse posicionamento, de certo modo, ajuda a identificar o grau de fragilização, mas sobretudo também as barreiras sistêmicas que impedem a participação. Esses posicionamentos marcados por gênero, raça, sexualidade, habilidade física ou localização geográfica, por exemplo, contêm um conjunto de práticas simbólicas que se somam à ausência de recursos econômicos. Para além disso, eles também impõem empecilhos adicionais para a obtenção ou manutenção de recursos materiais. Para cada uma dessas intersecções, as modalidades de processamento e enfrentamento da condição da pobreza são diversas e requerem estratégias próprias.

Num estudo realizado pelas Nações Unidas, a atenção se volta, por exemplo, ao modo como a categoria gênero repercute na questão da pobreza:

Além de enfatizar que a pobreza engloba a falta de recursos materiais, sociais e culturais, a perspectiva de gênero revela a natureza heterogênea da pobreza na medida em que homens e mulheres têm responsabilidades e experiências diferentes e que, conseqüentemente, seus interesses e necessidades também são diferentes. A partir da dimensão relacional do conceito de gênero, no que se refere à relação entre homens e mulheres, a pobreza feminina é analisada considerando tanto o ambiente familiar quanto o social. (UNITED NATIONS, 2004, p. 13, tradução nossa)².

A primeira e mais importante constatação reside na identificação de que há diferenças no modo como a pobreza impacta nos diferentes pertencimentos de gênero, o que certamente se intensifica ainda mais em atores sociais cuja identidade de gênero não corresponde às normas dominantes. As chances de obtenção e manutenção de recursos não são as mesmas. Isso também vale para o conjunto de regras tácitas que definem a participação. No estudo em questão, dois círculos se destacam: a microesfera familiar e a macrosfera social. Nesses dois contextos, existem práticas simbólicas que ditam que papéis os respectivos atores sociais devem desempenhar. Com essa predefinição, também já se fundamenta a forma como recursos são distribuídos (dentro da família e na sociedade) e como novos recursos podem ser obtidos (quem desbrava novas fontes, no caso do círculo familiar, e quem define as regras de distribuição, no caso da esfera sociocultural). Em ambas as situações, alguém administra os recursos disponíveis, por mais escassos que sejam, e alguém que precisa se submeter a essa gestão. A diferenciação interseccional ajuda a melhor captar a complexidade da experiência de pobreza e o que ela significa para cada indivíduo.

Um dos significados primordiais dessa experiência é a exclusão. Em sua análise, Rodrigues *et al.* (1999) constata:

Nas sociedades modernas ocidentais, contudo, pobreza e exclusão reforçam-se mutuamente. A exclusão do mercado de trabalho gera pobreza e esta impede o acesso a bens e serviços socialmente relevantes (habitação, saúde, lazer). Um excluído será aquele que não consegue configurar uma *identidade* (social) no trabalho, na família ou na comunidade. Torna-se um excluído das relações sociais e do mundo das *representações* a elas associadas. (RODRIGUES *et al.*, 1999, p. 65-66, grifo nosso).

² “Apart from emphasizing that poverty encompasses a lack of material, social and cultural resources, the gender perspective reveals the heterogeneous nature of poverty in that men and women have different responsibilities and experiences and that, as a result, their interests and needs are also different. Based on the relational dimension of the concept of gender, insofar as it refers to the relationship between men and women, female poverty is analysed considering both the family and the social environment”.

Para o propósito deste artigo, há dois termos centrais nessa citação. O primeiro diz respeito à identidade. Na verdade, entendemos que independentemente dos recursos disponíveis, isto é, se é pobre ou abastado, todo indivíduo constrói uma narrativa do si, incluindo os vetores laborais, familiares e comunitários. A narrativa do si atravessada pela pobreza, contudo, definitivamente difere daquela construída num espaço com recursos em abundância. O trabalho existe e fornece sentidos identitários, mas, muitas vezes, é um trabalho precário, sem segurança e sem um afluxo econômico que permita tecer uma narrativa do si em consonância com aquilo que indivíduo desejaria. O mesmo vale para os vetores familiares e comunitários. Famílias são formadas, mas frequentemente no marco da fragilização. Participação comunitária existe, mas não raramente em espaços com infraestruturas precárias, às margens, onde as vozes que ali se articulam não chegam aos centros do poder. Os graus de exclusão são altamente diversos, não impedindo tessituras identitárias, mas limitando substancialmente o escopo daquilo que o indivíduo poderia alcançar, no espaço da vida.

É essa hierarquia das narrativas identitárias que também define, em grande parte, o alcance das práticas representacionais que emergem das relações sociais. Dentro de comunidades, famílias e coordenadas de trabalho (penso no trabalho informal que caracteriza a realidade de muitos atores sociais, nas periferias de cidades brasileiras, por exemplo), há dinâmicas representacionais entre os membros que circulam nesses espaços, com suas lógicas identitárias, suas hierarquias sociais e suas estratégias de inclusão e exclusão, sim, mesmo entre grupos excluídos, que definem como os diferentes membros são posicionados nas redes de sentido que imperam no respectivo círculo. Essa prática representacional, contudo, raramente chega à percepção dos grupos dominantes ou dificilmente adentra o caldeirão semiótico que forja a imagem do macroespaço sociocultural. Os sentidos produzidos permanecem nesses círculos, limitando seu impacto a eles. Enquanto as práticas representacionais de grupos dominantes, com os sentidos que emergem delas, atravessam todo o espaço social. O que surge é uma ordem semântica em que alguns definem o escopo de sentido e outros se veem forçados a coadunar suas ações a esses imperativos.

A discussão sobre o fenômeno da pobreza, portanto, revela algo sobre os potenciais de participação na produção e circulação de sentidos. Olhando por essa perspectiva, o conceito tem potenciais interessantes para os estudos literários, especialmente quando o interesse se volta para a análise de ações e representações da realidade ficcional. Isso inclui refletir sobre as dinâmicas de construção identitária e de participação nas práticas representacionais. Esse olhar talvez seja menos interessado em questões estritamente econômicas e mais atento aos elementos culturais que condicionam as interações ficcionais.

A dimensão cultural recebe destaque na análise de Small *et al.* (2010). Eles identificam três razões para incluir o elemento cultural na problematização do conceito de pobreza: identificar as formas como atores sociais lidam com a pobreza, desconstruir a ideia da cultura da pobreza e diferenciar a compreensão do conceito de cultura. Os três motivos elencados são relevantes para os estudos literários. O primeiro está diretamente atrelado ao modo como ações, no plano ficcional, são desencadeadas, produzindo sentidos, e como esses sentidos são concatenados numa tessitura identitária que caracteriza a personagem. O segundo diz respeito a causalidades, alertando contra simplificações (por exemplo, culturas da pobreza) e interpelando para uma análise mais detalhada, levando em consideração os inúmeros fatores que condicionam a pobreza. A última razão diz respeito ao próprio conceito de cultura, entendido também como fenômeno multidimensional que se revela a partir de valores, crivos de percepção (*frames*), repertórios de ação, narrativas, fronteiras simbólicas, capital cultural ou instituições.

O que perpassa os três elementos elencados é o fato de que a produção de sentidos é múltipla e multidimensional. A análise da representação de pobreza no plano ficcional, portanto, precisa permanecer atenta aos inúmeros vetores que condicionam os sentidos inscritos na realidade diegética, problematizando narrativas identitárias, ofertas de causalidade e a perspectiva cultural, por meio da qual ocorre o processo de apropriação da realidade (ficcional). Nesse horizonte, é interessante discutir como a pobreza pode limitar os potenciais individuais e representar uma forma de privação de liberdade, nos termos de Amartya Sen (2000).

Isso também inclui formas de verbalização dessas limitações e sua percepção, isto é, como isso é esteticamente mediado, a fim de problematizar uma condição existencial, caracterizada pelo fenômeno da pobreza. Trata-se de um fenômeno que no bojo do capitalismo avançando intensifica ainda mais a sensação de incerteza e de contradições (CURY, 2013). A literatura e os estudos literários, na medida em que articulam interesses de crítica social, participam dessa discussão, oferecendo problematizações que podem contribuir para a compreensão de sua complexidade.

2 Multidimensionalidade e administração de sentidos

Como discutido, pobreza não revela algo somente sobre recursos econômicos. Trata-se de um fenômeno múltiplo que integra diversas experiências que precisam ser administradas por indivíduos acometidos por escassez de recursos. Essa administração obviamente diz respeito às formas de obtenção de recursos, mas também inclui um vetor de gerenciamento de sentidos. O romance de Florescu busca captar a complexidade desse fenômeno, ilustrando os impactos da pobreza no bojo dos fluxos migratórios.

A primeira passagem a ser discutida provém do período em que o fluxo migratório tem início, mostrando o ponto de partida daqueles que posteriormente seriam os colonizadores de uma região ainda não habitada na Romênia:

Muitas vezes, eles viajavam descalços ou com sapatos quebrados, marchando ao lado das carroças em que raramente se concedia espaço para mulheres grávidas, idosos e crianças pequenas. Mas mesmo que os sapatos tivessem sido recém-solados pouco antes da partida, não sobraria muito deles no final. Muitos pés se puseram em movimento naquela época. Muitos corpos emaciados. (FLORESCU, 2011, p. 248, tradução nossa)³.

O percurso existencial desses primeiros colonizadores remete a um contexto de extrema fragilização material. Sem o mínimo necessário para a subsistência dentro das

³ “Sie hatten so lange mit dem Vieh gelebt, so lange waren sie gering geschätzt worden und schätzten sich womöglich selbst gering ein, sie lebten so sehr im Wissen, dass ihr Leben eine einzige Wiederholung von Mangel und Entwürdigung war, von Warten auf den mageren Lohn, von gierigem Saufen, Kartenspielen, Hurerei und erneutem Warten, dass sie immer schon mit dem Schlimmsten rechneten. Und deshalb unberechenbar waren.”

coordenadas de sua primeira socialização cultural, sua estratégia de enfrentamento se volta para a opção da imigração. O movimento de deslocamento revela essa fragilização, caracterizada por incertezas e pela ausência de recursos para um traslado seguro e minimamente confortável. A sola do sapato, nesse contexto, simboliza não só a base material para a concretização de uma existência digna, ela também remete à determinação para escapar das condições sociais que põem em risco a manutenção da vida. Em analogia, às solas de sapatos, encontram-se os corpos emaciados, com suas reservas de força e energia em grande parte exauridas.

A opção pela imigração como estratégia de enfrentamento tem algumas implicações importantes. Em primeiro lugar, ela significa a renúncia do espaço familiar, com sua língua e cultura. Além do enfrentamento da escassez material, isso contém um movimento de administração afetiva, para lidar com a insegurança sobre os potenciais de êxito desse projeto. No lugar de origem, essa comunidade não tem voz e nem poder para obter acesso, por exemplo, aos instrumentos necessários para a subsistência. O espaço de assentamento ainda permanece desconhecido, representando uma promessa, mas ainda não fornecendo garantias. Por trás desses aspectos multidimensionais da pobreza, profundamente arraigada no marco da incerteza, está a administração de sentidos. Com efeito, essas personagens imigrantes imaginam um projeto de futuro que promete obtenção de recursos. Com isso, toda sua energia acional se volta para a concretização desse projeto, enfeixando seus sentidos existenciais, de modo a debelar a incerteza e amenizar as atribulações físicas, a fim de enfrentar os percalços até a terra prometida. Em outras palavras, eles investem numa narrativa que organiza o sentido, a fim de escapar da pobreza.

O enredo revela que, por muito tempo, a situação de escassez tem continuidade no espaço de assentamento, confrontando os colonizadores com miséria, doença e, sobretudo, incertezas. Aqueles que obtiveram êxito começam a reproduzir os crivos de percepção existentes no lugar de origem, instaurando hierarquias sociais e suas lógicas de sentido. Dessa perspectiva, é narrada a passagem que segue, onde o farmacêutico do vilarejo avalia a chegada de Jakob, pai do protagonista:

Eles viveram tanto tempo com o gado, tanto tempo foram desprezados e possivelmente se desprezavam, viveram tão intensamente sabendo que sua vida

era uma repetição de carência e degradação, de espera por uma escassa recompensa, de bebedeira desenfreada, jogos de cartas, fornicação e nova espera, sempre esperando o pior. E por isso eram imprevisíveis. (FLORESCU, 2011, p. 18, tradução nossa)⁴.

O relato feito pela voz narrativa reproduz a perspectiva de alguém que, na esfera diegética, já não se encontra mais à mercê da pobreza. Sua segurança material lhe permite adotar um crivo de percepção que hierarquiza os atores sociais que circulam em seu espaço de concretização existencial. Nesse sentido, a citação se revela importante em dois sentidos: por um lado ela expõe o modo como alguém exterior à experiência da pobreza organiza narrativas de sentido, ao mesmo tempo, ela também apresenta sedimentos dessa experiência. Isto é, embora o farmacêutico hierarquize, ele também identifica a situação daqueles atribulados pela pobreza. Em sua visão, o outro, caracterizado pela miséria, não merece o respeito que adota para seus pares, tampouco espera a mesma lógica de comportamento (“eram imprevisíveis”). Nisso, ele naturaliza a condição da pobreza, sem diferenciar a situação real daqueles acometidos por essa condição.

O elemento central que caracteriza essa situação é a humilhação. Com isso, toda interação com membros externos ao próprio grupo tem como princípio a lógica do desprezo, performando uma escala do respeito, com base nos recursos materiais. O impacto dessa lógica é tamanho que acaba produzindo sua internalização. Isto é, o indivíduo não é somente alvo do desprezo, ele acaba experimentando esse sentimento por si mesmo, com base na interpretação de mundo, de terceiros. Nesse horizonte, além da configuração afetiva que se sedimenta com base na repetição, também se instala uma narrativa que serve como crivo de apropriação de realidade. A administração de sentidos que emerge dessa narrativa já não espera voz nem poder, tampouco imagina o futuro no marco da transformação. Pelo contrário, os sentidos que guiam sua existência se encontram enfeixados de modo a esperar que a lógica de exploração e humilhação fundamente sua realidade. Os sentidos, nesse eixo, já não esperam alguma forma de

⁴ “Sie hatten so lange mit dem Vieh gelebt, so lange waren sie gering geschätzt worden und schätzten sich womöglich selbst gering ein, sie lebten so sehr im Wissen, dass ihr Leben eine einzige Wiederholung von Mangel und Entwürdigung war, von Warten auf den mageren Lohn, von gierigem Saufen, Kartenspielen, Hurerei und erneutem Warten, dass sie immer schon mit dem Schlimmsten rechneten. Und deshalb unberechenbar waren.”

agência, representação ou revisão das narrativas de mundo vigentes no espaço macrossocial em que circulam.

No espaço privado, da esfera microssocial, essa situação se modifica, de modo a reaver algum grau de agência:

Em casa todos eram senhores. Quando eles estavam cheios de excitação e desejo, o coito animal era a única coisa que era só deles e os compensava. Ele e a aguardente no bar. Muitas vezes a relação sexual acontecia antes do nascer do sol, não para se esconder de Deus, mas porque só então eles não estavam cansados. (FLORESCU, 2011, p. 23, tradução nossa)⁵.

O espaço privado, por mais precário que seja, representa um refúgio que permite imaginar o corpo, com fundamento na liberdade. Nesse espaço, o corpo deixa, por momentos de ser disciplinado pelas regras alheias, encontrando momentos de agência, em que define como canalizar a energia do próprio corpo. A sexualidade, nesse contexto, representa uma forma de resistência, certamente sem voz e poder, mas que, por momentos, organiza os sentidos, de modo a escapar das narrativas dominantes e engendrar espaços de autonomia. O prazer e a autonomia depreendidos da sexualidade, contudo, em grande parte se restringem ao corpo masculino, o que o romance problematiza em diferentes situações. Aqui, o fenômeno da pobreza assume outras conotações, com base nas bifurcações interseccionais, o que será abordado mais detalhadamente na seção seguinte.

3 Interseccionalidade e dinâmicas culturais

Uma parte substancial do romance explora o nexos entre pobreza e a condição feminina, problematizando como diferentes personagens lidam com esse fenômeno, a fim de obter agência. Aqui, o silenciamento, muitas vezes, é duplo, ocorrendo tanto na esfera macrossocial e se repetindo no microcosmo da família. Diferentes situações, no entanto, ilustram que as personagens femininas não permanecem inativas, optando por

⁵ “Zu Hause waren alle Herren. Die animalische Kopulation, wenn sie von Erregung und Verlangen durchflutet waren, war das Einzige, was ihnen ganz allein gehörte und sie entschädigte. Sie und der Schnaps in der Kneipe. Häufig fand der Beischlaf vor Sonnenaufgang statt, nicht, um sich vor Gott zu verstecken, sondern weil sie nur dann nicht müde waren.”

seguir seus próprios caminhos, a fim de obter recursos e transformar as narrativas que embasam os sentidos. Isso emerge, por exemplo, de um relato sobre moças camponesas:

Eram moças do campo, empregadas por alguma família abastada, acostumadas a caminhar quilômetros para arrancar o último resto de alimento do campo. Quando o último resto não fora mais suficiente, elas decidiram ganhar a vida na cidade. Elas sempre olhavam para baixo, como se a igualdade temporária que existia entre elas e os outros fosse indesejada e imerecida por elas. Porque o bonde transportava a todos indiferente e indiscriminadamente. (FLORESCU, 2011, p. 214-215, tradução nossa)⁶.

O relato ocorre da perspectiva de Jacob, o protagonista do romance, enquanto permanece com seu avô, para estudar num centro urbano. Importante, nesse contexto, é seu olhar diferenciado que identifica a situação dessas jovens anônimas que ele vê no bonde e as situa numa narrativa de agência. Sua percepção lhes concede voz no relato diegético, por mais fraca que ela seja. Nesse horizonte, obviamente a pobreza não impede de construir uma narrativa de identidade individual, mas trata-se de uma narrativa que se alimenta de outras tessituras que circulam nesse espaço social e definem o escopo dos sentidos que podem integrar em sua autorrepresentação.

A limitação, contudo, não é paralisação. As jovens camponesas buscam obter acesso aos recursos materiais mínimos para sua subsistência, nas coordenadas de seu primeiro espaço de socialização. Ao reconhecerem que a permanência já não contém uma solução, elas buscam novas chances em centros urbanos. No novo espaço, elas têm acesso a recursos mínimos, concomitantemente, suas narrativas identitárias também assumem novas formas de representação, especialmente tendo em vista que elas internalizam o olhar hierarquizador dos atores sociais, com os quais interagem direta ou indiretamente. Com isso, a narrativa identitária revela agência, uma vez que desbrava novos espaços, mas também mantém a lógica hierárquica atrelada à percepção da pobreza.

⁶ “Es waren Mädchen vom Lande, die irgendeine bemittelte Familie angestellt hatte und die gewohnt gewesen waren, kilometerweit zu Fuß zu gehen, um dem Acker den allerletzten Rest Nahrung zu entreißen. Als der allerletzte Rest nicht mehr genügt hatte, beschlossen sie, sich ihren Lebensunterhalt in der Stadt zu verdienen. Sie sahen immer zu Boden, als ob die befristete Gleichheit, die zwischen ihnen und den anderen herrschte, von ihnen ungewollt und unverdient war. Denn die Elektrische beförderte gleichgültig und unterschiedslos alle.“

As tessituras causais reforçam isso. Por um lado, as camponesas reconhecem as limitações na origem e optam pela migração interna. Ou seja, elas tecem elos causais e conquistam novos espaços, por mais precários que sejam. Num segundo momento, ilustrado por seu desconforto no bonde como microcosmo do espaço social, contudo elas mantêm a narrativa de exclusão com sua causalidade, como crivo de percepção do mundo, reproduzindo as hierarquias impostas. Nessa esteira, o bonde, de fato, transporta sem distinção de pertencimento social; as práticas culturais, contudo, que perpassam esse espaço da vida, predispõem como o bonde pode ser utilizado e como os sentidos impactam na dinâmica de interação social. Isto é, as tessituras culturais fornecem modelos acionais para lidar com a pobreza, hierarquizando aqueles que se encontram atribulados por essa situação.

A todo esse cenário, junta-se a questão da condição feminina. Como mulheres, o esforço a ser empreendido tem dimensões completamente diferentes daquelas experimentadas por camponeses homens que fazem o mesmo percurso em direção ao centro urbano. A “igualdade temporária” no bonde, da qual fala a citação, numa perspectiva macrossocial, remete também à questão de gênero. Isso diz respeito ao acesso ao trabalho como forma de obtenção de recursos materiais, mas também inclui a articulação da voz própria e a discrepância de poder. Um outro elemento que se junta a isso é o corpo. Em outras passagens, a voz narrativa relata como essas personagens camponesas se tornam objeto do desejo erótico de homens, como o pai do protagonista. Também nesse contexto impera a lógica da hierarquização, isto é, uma hierarquia dos corpos e do respeito direcionado a eles, estabelecida, em grande medida, com base na pobreza que assola a condição das camponesas migrantes.

O eixo interseccional que atravessa a pobreza se torna igualmente visível na trajetória de Elsa, mãe do protagonista. Como filha de imigrantes alemães na Romênia, ela conhece a fome como elemento que perpassa a história de seus antepassados na Lorena e se estende até a primeira fase de sua vida. Como as jovens camponesas, Elsa opta pela migração como tentativa de escapar da miséria. Ao contrário delas, contudo, Elsa não permanece no país, escolhendo os Estados Unidos como destino:

Um dia antes de partir para Budapeste, de onde pegaria o trem para a costa alemã e depois o navio para Nova York, ela ainda o acompanhara,

Você me deixa sozinho, ele murmurou enquanto descansavam debaixo da árvore.
 Se eu não for, continuaremos pobres, respondera ela.
 Então continuaremos pobres. Sempre teremos o suficiente para saciar nossa fome, respondeu o avô.
 Isso não é suficiente para mim. Eu quero uma fazenda grande. Você também vendeu todos os cavalos naquela época para salvar a fazenda. Não temos mais nada para vender, então vou para a América. (FLORESCU, 2011, p. 121, tradução nossa)⁷.

Elsa reconhece as limitações que lhe são impostas, identificando que não escapará da pobreza, se ela não buscar por alternativas de acesso a recursos materiais. Uma primeira questão interseccional que se revela na passagem citada está atrelada ao comportamento do pai. Embora ele não a proíba de seguir seu próprio caminho, ele recupera a narrativa das responsabilidades filiais. Elsa, portanto, precisa administrar o impacto afetivo desencadeado pela decisão de ir a um lugar desconhecido, sem saber quais são suas chances reais de êxito, e, ao mesmo tempo, processar as expectativas articuladas pelo pai e direcionadas a ela como mulher e filha. Ela, contudo, oferece resistência a esses pressupostos identitários e não renuncia a seus planos. Isso ocorre num horizonte em que ela reconhece as causalidades da pobreza, sabendo que a permanência não disponibiliza alternativas. Ao final da citação, ela equipara suas ações com a do pai, traçando, portanto, um esboço da igualdade de gênero.

Essa igualdade, contudo, se revela frágil na realidade diegética. Elsa, de fato, vai para os Estados Unidos e volta abastada, mas negando sistematicamente a fornecer informações sobre como obteve os recursos materiais que a deixaram rica. Após sua volta, ela se vê confrontada com a exigência de disponibilização dos nexos causais de sua riqueza, incluindo nisso as exigências de seu futuro marido. Com sua resistência diante dessa forma de disciplinamento e a afirmação de sua autonomia, as práticas culturais começam a questionar sua retidão, excluindo-a de círculos sociais e negando a ajuda que se prestaria a outros, ilustrado por meio do episódio inicial do romance, em que sua

⁷ “Noch am Tag vor ihrer Abfahrt nach Budapest, von wo aus sie den Zug zur deutschen Küste und dann das Schiff nach New York nehmen würde, hatte sie ihn begleitet.
 Du lässt mich allein, hatte er gemurmelt, als sie unter dem Baum ruhten.
 Wenn ich nicht fahre, bleiben wir weiter arm, hatte sie geantwortet.
 Dann bleiben wir eben arm. Wir werden immer genug haben, um den Hunger zu stillen, hatte Großvater erwidert.
 Das ist mir zu wenig. Ich will einen großen Hof haben. Auch du hast damals alle Pferde verkauft, um den Hof zu retten. Wir haben nichts mehr zum Verkaufen, also fahre ich nach Amerika.“

propriedade se encontra em chamas. Isso não ocorre, mais tarde, quando seu futuro marido, cujo passado também permanece encoberto, se nega a prestar esclarecimentos sobre suas origens. Ou seja, as práticas culturais disponibilizam narrativas para hierarquizar a pobreza, mas também para situar aquelas que conseguiram escapar dela. Em ambas as situações, as coordenadas interseccionais têm um papel fundamental não somente nas narrativas identitárias disponíveis, mas também no modo como eles causais são construídos e práticas culturais são concretizadas.

Considerações finais

O conceito de pobreza traz a lume uma série de potenciais de sentido que atravessam as produções ficcionais. O romance de Florescu ilustra isso, ajudando a compreender algumas dimensões de sua complexidade. Como instrumento de análise, o conceito propicia discussões voltadas para produções individuais, mas também permite analisar como essa experiência se repete, transforma e adquire novas feições, dentro de uma literatura nacional ou a partir de perspectivas da literatura comparada. Embora não discutido neste artigo, o romance de Florescu mostra isso, ao dar continuidade aos esforços, por exemplo, de Hans Jakob Christoffel von Grimmelshausen em *O Aventuroso Simplicissimus*, de Jakob Michael Reinhold Lenz em *O preceptor*, ou de Gottfried Keller em *Romeu e Julieta na aldeia*. Como o texto de Florescu, nenhuma dessas produções se propõe adotar a ficcionalização da pobreza como foco central, mas ela está presente em todas essas obras, criando um elo de continuidade em sua representação, neste caso, da literatura de expressão alemã.

Na perspectiva da literatura comparada, os potenciais são múltiplos, não se restringindo somente às práticas comparatistas dentro de uma literatura nacional. O parágrafo inicial deste artigo já elencou alguns exemplos de romances canônicos, em que a pobreza tem um papel importante. Nessa mesma esteira, o texto de Florescu também permite abordagens em que, por exemplo, o nexos entre pobreza e migração se torna foco de análise, produzindo comparações com romances de outras literaturas nacionais, como *Kiffe, kiffe demain* de Faïza Guène, *A fantástica vida breve de Oscar Wao*

de Junot Díaz ou *Adua* de Igiaba Scego. Nessas diferentes perspectivas, o conceito de pobreza continua profícuo para os estudos literários, revelando dimensões importantes da produção de sentido.

Referências

CRESPO, Antônio Pedro Albernaz; GUROVITZ, Elaine. A pobreza como um fenômeno multidimensional. **RAE-eletrônica**, v. 1, n. 2, p. 1-12, 2002.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Poéticas da precariedade. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 41, p. 33-46, 2013.

FLORESCU, Catalin Dorian. **Jacob beschließt zu lieben**. München: C. H. Beck, 2011.

NARAYAN, Deepa. **Voices of the Poor. Can Anyone Hear Us?** Oxford: Oxford University Press, 2000.

RIBEIRO, Djamilia. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RODRIGUES, Eduardo Vítor; SAMAGAIO, Florbela; FERREIRA, Hélder; MENDES, Maria Manuela; JANUÁRIO, Susana. A Pobreza e a Exclusão Social: Teorias, Conceitos e Políticas Sociais em Portugal. **Sociologia**, v. 9, 1999, p. 63-101.

SEM, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras. 2000

SMALL, Mario Luis; HARDING, David J.; LAMONT, Michèle. Reconsidering Culture and Poverty. **ANNALS of the American Academy of Political and Social Science**, v. 629, n. 1, p. 6-27, 2010.

SCHWARZ, Roberto (org.). **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

UNITED NATIONS. **Understanding poverty from a gender perspective**. Santiago: United Nations Publication, 2004.

Recebido em 03/02/2022.

Aprovado em 01/03/2022.